

O PENSAMENTO PÓS-COLONIAL E A PROBLEMÁTICA DA REPRESENTAÇÃO DAS VOZES SUBALTERNAS

POSTCOLONIAL THOUGHT AND THE PROBLEM OF THE REPRESENTATION OF SUBALTERN VOICES

EL PENSAMIENTO POSCOLONIAL Y LA PROBLEMÁTICA DE LA REPRESENTACIÓN DE LAS VOCES SUBALTERNAS

Maria Laís dos Santos Leite¹

Obra resenhada: SPIVAK, Gayatri C. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Trad. Sandra R. Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010. ISBN: 978-85-7041-816-6.

GAYATRI SPIVAK

Gayatri Chakravorty Spivak, intelectual indiana, nasceu em 1942 em Calcutá e é considerada uma das principais referências da epistemologia e das perspectivas feministas e dos estudos pós/decoloniais da atualidade. Ela publica tanto textos acadêmicos quanto literários e é uma crítica da interpretação histórica “falocêntrica” imperialista e marxista. Para ela o feminismo ocidental “burguês” pode ser considerado cúmplice do capitalismo internacional na opressão e exploração de mulheres do mundo em desenvolvimento².

Spivak realizou seus estudos de graduação em inglês, na Universidade de Calcutá, depois cursou mestrado e doutorado em literatura comparada na Universidade Cornell nos Estados Unidos. Atualmente, ela atua como professora de Literatura Comparada do Departamento de Inglês e do Instituto de Literatura e Sociedade Comparadas, da Universidade Columbia.

Seus escritos críticos incluem as seguintes obras: *Myself Must I Remake: The Life and Poetry of W. B. Yeats* (1974), *In Other Worlds: Essays in Cultural Politics* (1987), *The Post-Colonial Critic: Interviews, Strategies, Dialogues* (1990), *Thinking Academic Freedom in Gendered Post-Coloniality* (1993), *Outside in the Teaching Machine* (1993), *Imperatives to Re-Imagine the Planet/Imperative zur Neuerfindung des Planeten* (1999), *A Critique of Postcolonial Reason: Towards a History of the Vanishing Present* (1999), *Death of a Discipline* (2003), *Other Asias* (2006) e *Red Thread* (a ser publicado).

¹ Mestra em Desenvolvimento Regional Sustentável pela UFCA, doutoranda em psicologia pela PPGPSI/UFRN e coordenadora do Laboratório de Estudos em Políticas Públicas do Cariri.

² Informações disponíveis em: <https://www.britannica.com/biography/Gayatri-Spivak>. Acessos em: jan. 2019.

Até o momento só estão traduzidas para a língua portuguesa a obra aqui resenhada, *Pode o subalterno falar?*, cuja tradução foi realizada por Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa e André Pereira. E o livro *Quem Canta o Estado-Nação? Língua, Política, Pertencimento* de Judith Butler e Gayatri Spivak traduzida por Vanderlei Zacchi e Sandra Goulart Almeida.

O PENSAMENTO PÓS-COLONIAL

Spivak desponta nas últimas décadas como uma das mais representativas autoras do pensamento pós-colonial, termo que tem sido utilizado para designar um conjunto de contribuições teóricas originárias principalmente dos estudos literários e culturais e que ganharam evidência em algumas universidades dos Estados Unidos e da Inglaterra, a partir dos anos 1980 (BALLESTRIN, 2013).

Costa (2006 *apud* Ballestrin, 2013, p. 90) afirmou que o colonialismo “alude a situações de opressão diversas, definidas a partir de fronteiras de gênero, étnicas ou raciais”, já o pós-colonialismo partilha, em meio as suas diferentes perspectivas, do “caráter discursivo do social”, do “descentramento das narrativas e dos sujeitos contemporâneos”, do “método da desconstrução dos essencialismos” e da “proposta de uma epistemologia crítica às concepções dominantes de modernidade”.

O pensamento pós-colonial não é construído apenas por autores de países e universidades periféricas, mas de outros pesquisadores e intelectuais que fazem relevantes reflexões sobre a temática e críticas à colonialidade do saber/poder. Pois, para Ballestrin (2013, p. 91, grifo nosso) “é um argumento

comprometido com a superação das relações de colonização, colonialismo e colonialidade”.

Ballestrin destaca o *Grupo de Estudos Subalternos*, como um dos movimentos que compõem o pós-colonialismo e que auxiliaram a consolidação do pensamento como um movimento epistêmico, intelectual e político. O grupo surge na década de 1970, no sul asiático sob a liderança de Ranajit Guha e se torna conhecido fora da Índia a partir da década de 1980, sobretudo por meio das obras de Partha Chatterjee, Dipesh Chakrabarty e Gayatri Spivak.

Spivak (2010, p. 93) publicou *Pode o subalterno falar?* em 1985, manuscrito traduzido para o português apenas em 2010, a obra se tornou um dos cânones do pós-colonialismo. Nela a intelectual indiana “faz uma profunda crítica aos intelectuais ocidentais Deleuze e Foucault – a despeito de sua filiação pós-estruturalista e desconstrucionista – e uma autocrítica aos estudos subalternos, através da reflexão sobre a prática discursiva do intelectual pós-colonial”.

No tópico seguinte nos dedicaremos a resenhar a obra supracitada, especialmente acerca das vozes subalternas, um dos conceitos centrais trabalhados em *Pode o subalterno falar?*.

VOZES SUBALTERNAS

Pode o subalterno falar? é considerado um texto relevante não apenas para os estudos pós-coloniais, mas ainda “para os estudos culturais e para a crítica feminista ao indagar as formas de repressão dos sujeitos subalternos, interrogando a própria cumplicidade dos intelectuais contemporâneos nesse processo” (ALMEIDA, 2010, p. 19).

Um dos conceitos trabalhados na obra é o termo subalterno por meio do qual Spivak (2010) se refere “às camadas mais baixas da sociedade constituídas dos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (p. 12). Ao mesmo tempo, Spivak (p. 57) destaca que é necessário “insistir que o sujeito subalterno colonizado é irremediavelmente heterogêneo”.

Sobre a postura do pesquisador, neste contexto, Spivak sublinha a necessidade de questionar a posição do intelectual pós-colonial ao explicitar que nenhum ato de resistência pode ocorrer em nome do subalterno sem que esse ato esteja estreitamente ligado ao discurso hegemônico. Dessa forma, a autora indiana desvela o lugar incômodo e a cumplicidade do intelectual que julga poder falar pelo outro e deste modo construir um discurso de resistência. Para a autora isso é reproduzir as estruturas de poder e opressão, mantendo o subalterno silenciado, sem lhe oferecer uma posição, um espaço de onde possa falar e, sobretudo, ser ouvido.

A questão de “falar pelo outro” nos faz refletir sobre o nosso papel enquanto pesquisadoras(es) e dos riscos de transformar os sujeitos, reais protagonistas da temática pesquisada em objetos da pesquisa. Outrossim, concordamos com Spivak quando esta alerta para o perigo de se constituir o outro e o subalterno apenas como objetos de conhecimento.

Almeida menciona ainda a análise de Spivak acerca da representação, descrevendo que há uma relação intrínseca entre o “falar por” e o “re-presentar”, já que nos dois casos há a pressuposição de um falante e de um ouvinte. A autora pondera ainda que o processo de fala se caracteriza por uma posição discursiva,

uma transação entre falante e ouvinte e, nesse sentido, conclui afirmando que esse espaço dialógico de interação não se concretiza jamais para o sujeito subalterno que, caso esteja desvinculado de alguém que o dê “legitimidade”, de fato, não pode falar.

Sobre a voz do subalterno, Spivak alude ainda ao fato de as falas do subalterno e do colonizado serem sempre intermediadas pela voz de outrem quem se coloca em posição de reivindicar algo em nome de um outro. Para a autora, o lugar do investigador permanece sendo uma criança sem sentido em muitas das críticas recentes ao sujeito soberano.

Spivak (2010) faz uma provocação ao grupo dos estudos subalternos - em que também está inserida - recomendando que este possa refletir sobre uma questão premente nos estudos pós-coloniais: “o subalterno como tal pode, de fato, falar?” Esse questionamento, baseado em uma crítica à ênfase de Gramsci na autonomia do sujeito subalterno como uma premissa essencialista, remete à preocupação da autora em teorizar sobre um sujeito subalterno que não pode ocupar uma categoria monolítica e indiferenciada, pois esse sujeito é irreduzivelmente heterogêneo.

Se tomada em seu sentido literal, a expressão não teria sentido, pois o subalterno, é claro, é capaz de falar, no sentido estrito da expressão, porém, o que pode ocorrer é a ausência desse caráter dialógico na fala do subalterno. Da mesma forma, o processo de autorrepresentação do sujeito subalterno também não se efetua, pois o ato de ser ouvido não ocorre. Ao concluir que o subalterno não pode falar, Spivak vai além de uma mera resposta objetiva a essa pergunta.

Almeida explica que tal afirmação tem sido interpretada erroneamente e de forma simplista como se Spivak estivesse afirmando

categoricamente que o subalterno - ou os grupos marginalizados e oprimidos - não pudesse falar ou que tivesse que recorrer ao discurso hegemônico para fazê-lo. Aqui a pesquisadora refere-se ao fato de a fala do subalterno e do colonizado ser sempre intermediada pela voz de outrem, que se coloca em posição de reivindicar algo em nome de um(a) outro(a). Esse argumento destaca, acima de tudo, a ilusão e a cumplicidade do intelectual que crê poder falar por esse(a) outro(a).

Para Spivak a tarefa do intelectual pós-colonial deve ser a de criar espaços por meio dos quais o sujeito subalterno possa falar para que, quando ele ou ela o faça, possa ser ouvido(a). Para ela, não se pode falar pelo subalterno, mas pode-se trabalhar contra a subalternidade, criando espaços no quais o subalterno possa se articular e, com consequência, possa também ser ouvido.

Recomendamos a pequena e complexa obra para estudiosas(os) das áreas de gênero e estudos pós/decoloniais de todas as áreas de atuação, especialmente das Ciências Sociais e Ciências Humanas, sejam graduados ou não, e também para não acadêmicos que tenham interesse pelos assuntos nele abordados.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sandra R. Goulart de. Prefácio – Apresentando Spivak. *In: SPIVAK, Gayatri C. Pode o subalterno falar?* 1. ed. Trad. Sandra R. Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, (11), 89-117, 2013. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004>. Acesso em: janeiro de 2019.

SPIVAK, Gayatri C. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Tradução: Sandra R. Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.